



A produção audiovisual como ambiente propulsor do debate público: uma análise do documentário “Tururu: Justiça, Paz e Vida”¹

Aline SOARES²

Paula Reis MELO³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise do primeiro documentário produzido pelo Coletivo Força Tururu, partindo de uma demarcação territorial da comunidade do Tururu no estado de Pernambuco, uma apresentação sócio-histórica-econômica da região e de sua inserção no ambiente midiático, culminando na apresentação das ações do coletivo e de seus modos de produção. Tais recortes fazem-se necessários para que possa ser discutido como o grupo se propõe à promoção de um debate público e possibilitam a formação de um discurso contra hegemônico, cuja produção de sentidos vai de encontro à midiaticização da violência na comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: cidadania; debate público; produção independente; produção audiovisual, representação.

INTRODUÇÃO

O estudo do contexto social pernambucano e a discussão sobre como a comunicação tem de prestado a um debate público no estado surgiu a partir da disciplina “Debate público e produção audiovisual”. Cada aluno pesquisou sobre uma produção ou um coletivo e investigou o discurso proposto por elas.

Este artigo aborda especialmente o uso da comunicação como arma para a construção de um discurso contra hegemônico, que vai de encontro ao consciente coletivo já formado e pré-concebido sobre a violência nas favelas, temática que é veiculada e ratificada diariamente pelos meios de comunicação de massa.

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação, Espaço e Cidadania do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Graduanda do Curso de Rádio, TV e Internet do DCom (Departamento de Comunicação) – CAC (Centro de Artes e Comunicação), email: alinef.ss@gmail.com.

³ Paula Reis Melo é professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco, email: preismelo@yahoo.com.br.



O objetivo é então analisar o conteúdo produzido, especificamente na comunidade do Tururu, favela da Região Metropolitana do Recife, e quais são as possibilidades para os moradores da região, uma vez que saem de uma estagnação para a posição de produtores audiovisuais com capacidade não apenas de criação, mas também de veiculação na web.

CONTEXTO SOCIAL: MAIS UMA FAVELA EM PERNAMBUCO

Pernambuco é um dos estados que mais tem crescido economicamente na região Nordeste, conforme aponta Coutinho (2013)⁴, apresentando por dois anos consecutivos, 2011 e 2012, taxa de desenvolvimento superior à nacional, medida através do Produto Interno Bruto (PIB). Como resultado desse rápido crescimento, sua capital, Recife, apresenta problemas inerentes a qualquer metrópole, como, por exemplo, nas áreas de mobilidade urbana, saúde e educação.

O crescimento urbano acelerado desencadeia o desenvolvimento crescente de favelas, onde as condições de vida são arbitrarias e faltam, sobretudo, políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento social de quem reside nessas localidades.

Segundo levantamento do IBGE (2010)⁵, Recife é a quinta cidade brasileira com maior concentração de “aglomerados subnormais”, que são:

um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa (2010, p.19).

Na Região Metropolitana do Recife (RMR), ainda segundo o mesmo estudo do IBGE, há 852.700 pernambucanos que, sujeitos à aceleração do processo de urbanização, se submetem a situações de risco, nas quais em suas habitações faltam saneamento, abastecimento elétrico e de água regulares.

⁴ Reportagem G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/03/pib-de-pe-cresce-mais-que-o-dobro-do-brasil-mas-aquem-do-esperado.html>>.

⁵ Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados-subnormais/agsn2010.pdf>>.



No total, são 109 favelas espalhadas pela RMR, sendo 26 delas no município de Paulista (Pernambuco.com, 2011), localizado a 17 km ao norte da capital. É neste município que se encontra a Comunidade do Tururu, recorte desta pesquisa. O resgate histórico explica a situação do lugar hoje.

No ano de 1980, a Arquidiocese de Olinda e Recife, mais especificamente a figura pública de Dom Hélder Câmara, realizou a doação de 22 hectares de terra a uma população de pescadores⁶. O terreno foi loteado e originou a Comunidade Jardim Justiça e Paz, mais conhecido por Tururu. A origem do nome é desconhecida, até mesmo pelos moradores.

A região apresenta baixos níveis de escolaridade e de renda, bem como outras favelas do estado e, de fato, convive com a violência e o tráfico de drogas. Todavia, a dimensão e a proporção que essas características tomam, quando enfatizadas pelos meios de comunicação, se configura como uma problemática, uma vez que se perpetua a representação de um ambiente puramente violento.

A relação sensível entre tais comunidades e a mídia hegemônica apresentada aqui terá como objeto de estudo a Comunidade do Tururu e abordará a imagem que tem sido construída da região pela mídia.

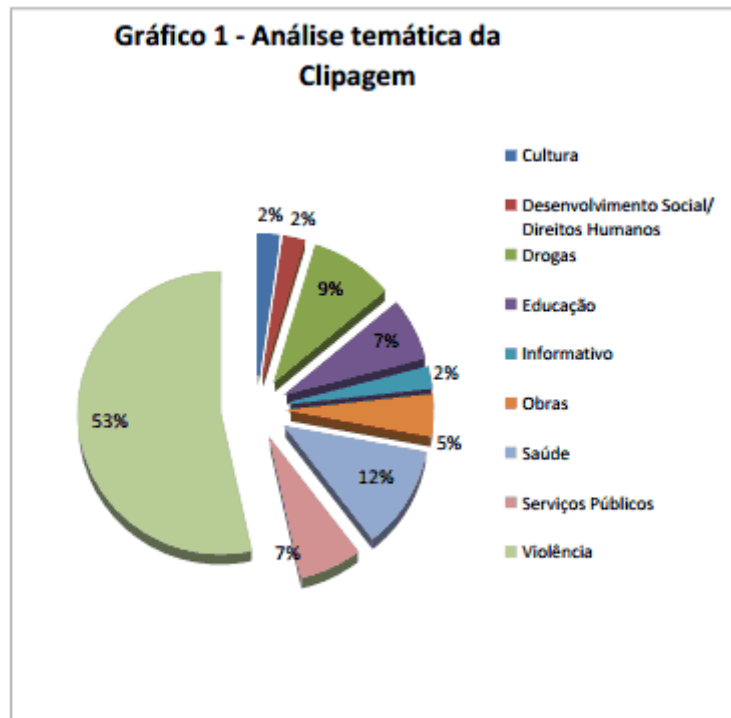
O TURURU E A MÍDIA

Como ponto de partida da pesquisa, foi realizado um clipping (SOARES, 2014)⁷, no qual foram priorizadas e coletadas informações sobre a Comunidade do Tururu, no período de 2010 a 2013, dos principais portais de notícias do estado: JcOnline/Ne10, FolhaPE e Pernambuco.com, cujas redações estão conectadas, aos três jornais de maior circulação no estado: Jornal do Commercio, Folha de Pernambuco e Diário de Pernambuco, respectivamente.

Obteve-se como resultado que, nesse período, 53% das publicações nos portais fazem referência a algum acontecimento violento no Tururu, como mostra o Gráfico 1 (abaixo).

⁶ Informações obtidas no Especial “Sementes do Dom: Tururu, exemplo de organização e luta popular.”, realizado pelo NE10. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/sites/sementesdodom/dp_tururu_exemplo_de_organizacao_e_luta_popular.html>

⁷ Disponibilizada no GoogleDocs: <https://drive.google.com/file/d/0B2LHm0a6kJ_TN1RHMV90d3dSeEE/edit?usp=sharing>.



Fonte: SOARES (2014)

A mídia, para Elizabeth Rondelli (1998, p. 149) possui um caráter estruturado/estruturador de discursos, que com seus modos narrativos estabelece sentido sobre o processo de assimilação e relato do real, operando como formadores de consenso. Tal efeito que os veículos de comunicação adotam de amplificação ao reportar os atos da violência se tornam elementos para construção de linguagem e de sentidos sociais.

A partir disso, são formadas opiniões, julgamentos e valores atribuídos tão somente à violência e atrelados ao Tururu, de maneira que tais eventos passam a servir de referência para a comunidade, característica que passa a circular em outros ambientes.

A exemplificação a seguir está disponível na internet. Trate-se de uma publicação da página Hipster Recifense, de entretenimento, cadastrada na mídia social Facebook, que possui mais de 45 mil curtidores. O intuito da página é, a partir de montagens de fotos, causar identificação dos curtidores (que são de maneira geral moradores da Região Metropolitana do Recife) com algum fato representativo do Recife.



Os posts geralmente possuem um tom bem humorado e possuem várias temáticas, tais como trânsito, cantores e bandas que se destacam no cenário regional e características de bairros da RMR.

A imagem escolhida para análise foi publicada no dia 09 de maio de 2013 e até o dia 14 de fevereiro de 2014 teve mil compartilhamentos. Nela está uma foto da principal avenida do bairro do Janga, a PE-01, também nomeada Avenida Doutor Cláudio Gueiros Leite.

Em destaque: a frase “Não mexa comigo que eu sou do Janga...”, frase que revela um tom ameaçador contido na afirmação das origens de quem discursa. Na descrição o mesmo tom é mantido, aparece um interlocutor intimidado que questiona “Isto é uma ameaça?”. A intimidação é intensificada e ratificada nas respostas, todas acompanhadas de hashtags⁸.

Entre elas, a mais significativa para a construção de conteúdo simbólico atrelado a um estigma já relacionado à Comunidade do Tururu, pode-se destacar a resposta #TheTururuLife, que, em tradução literal, faz referência à vida do Tururu. E o que isso revela, o que significa? O temor aqui é causado quando o locutor relaciona que ele resolveria o problema ao estilo “Tururu” de viver.

Ou seja, o efeito de sentido pretendido na imagem replica a mesma mensagem que os grandes meios de comunicação midiaticizam cotidianamente, reafirmam a imagem que a comunidade carrega de violenta ao emitir um alerta para quem ouse mexer com alguém que é da região.

Baseado no que já foi apontado até então é possível afirmar que “os meios negociam com estas diversas instâncias sociais e discursivas, de modo a produzir consensos. E é daí que decorre sua força hegemônica.” (RONDELLI, 1998).

Portanto é com o princípio de fomentar a produção de outros sentidos e ideias sociais que possam ser atribuídos à Comunidade do Tururu é que surge o Coletivo Força Tururu.

⁸ O uso das hashtags (#) nas redes sociais surgiu em 2007, nas redes IRC, como forma de categorizar tópicos de conversa e depois foi implementada e bastante popularizada pelo Twitter (TRADSTAR, 2013). Ainda usada com o mesmo propósito do início, ou seja, com o propósito de categorizar assuntos, hoje a hashtag é usada em quase todas as redes sociais e funciona como excelente recurso para pesquisas e filtro de resultados. Todavia, no caso do Hipster Recifense as hashtags não categorizam as frases ou servem para facilitar o recurso de busca, mas atribuem valor enfático às assertivas uma vez que uma palavra ao ser antecida pelo símbolo ‘#’ adquire uma cor azulada, que visualmente a torna mais destacada. Disponível em: <<http://tradstar.info/blog/significado-das-hashtags/>>.

Fotos de Hipster Recifense

Retornar ao álbum

Anterior · Próxima



Hipster Recifense

Isto é uma ameaça?

#EntendaComoQuiser

#SouNascidoECriadoNoJanga

#ConheçoPessoas

#TheTururuLife

#SddsBolengComOJangamaica

*Adapatado do Hipster Sergipano

Lara Holanda, Marília Lila, Marina Castro e outras 611 pessoas curtiram isso.

1.143 compartilhamentos

Visualizar comentários anteriores

46 de 426

De: Fotos de Hipster Recifense no álbum Fotos da Linha do tempo

Compartilhado com: Público

Abrir visualizador de fotos

Fazer download

Incorporar publicação

Figura 1 – Não mexa comigo que eu sou do Janga...

Fonte: Hipster Recifense

O SURGIMENTO DE UMA FORÇA

O grupo, fundado em 2007, iniciou suas atividades a partir de duas forças motrizes: o incômodo gerado pela ampla divulgação da criminalidade do Tururu na mídia e o envolvimento com ações da Pastoral da Juventude do Meio Popular (PJMP)⁹.

⁹ Informações sobre o histórico do grupo foram levantadas na FanPage do Coletivo Força Tururu, disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/coletivotururucft>>; em reportagem realizada pelo programa Pé na Rua, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=nVr2uIzIQPk>>; e ainda por meio de entrevista com o integrante do grupo, André Fidelis, concedida à pesquisadora Aline Soares, no dia 17 de janeiro de 2014.



As primeiras atividades se resumiam à produção de um Fanzine, denominado *Articula Tu Tururu*, de conteúdo informativo voltado à população local¹⁰.

Já no ano de 2009, foi elaborado o roteiro do documentário “Tururu: justiça, paz e vida”. Para viabilização do processo de produção, o grupo contou com o apoio da Cáritas¹¹, para aquisição de recursos materiais (câmeras de vídeos, programas de edição, notebook...), parceria esta que perdura até hoje.

O vídeo ao qual se propõe a análise, bem como todas as produções audiovisuais do CFT, foi distribuído em duas instâncias. A primeira no âmbito da própria comunidade, por meio da atividade bimestral que o grupo denomina “Consciência Relâmpago”, na qual os vídeos são exibidos num campo de futebol e os moradores se reúnem no local para assistir e debater sobre a temática proposta pelo vídeo.

Já a segunda favorece a apreciação do vídeo a qualquer momento com a publicação do documentário no Youtube. É também no ambiente virtual que o vídeo pode circular e ser considerado uma estratégia de transformação na produção de sentidos e referencial simbólico atribuído à comunidade do Tururu. Uma possibilidade que o movimento social passa a ter para erodir a identidade tradicional relacionada ao local, que advém, segundo Stasiak e Barachello (2007, p.113), não somente do microfone e das câmeras de vídeo (ou seja, detenção dos meios de produção), mas também dos websites que permitem a disseminação do vídeo, espaço que contempla a estruturação de discursos heterogêneos, que viabilizam a atuação dos sujeitos.

Antes, porém, de iniciar a análise do vídeo, vale levar o contexto atual de produção destes jovens, em que “a mídia deixa de ser um campo fechado em si, de utilidades apenas instrumentais e passa à condição de produtora de sentidos sociais” (STASIAK, 2007, p. 111). O autor considera ainda a mídia como principal responsável pelos processos de interação social, bem como pela construção social em si.

Logo, não é absurdo que os jovens da PJMP se observem enquanto sujeitos sociais e almejem obter a capacidade de produção audiovisual, a fim de construir e

¹⁰ Há uma edição do fanzine, em meio eletrônico, disponível em: <<http://pt.slideshare.net/neylsantos/articula-tu-tururu>>.

¹¹ Organismo criado em 1956 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que entre muitas ações apoia lutas emancipatórias, a partir de processos coletivos, organizativos, promovendo o protagonismo de grupos e comunidades, bem como no fortalecimento de iniciativas em redes de articulação, fórum e ações de incidência política, a Cáritas busca animar a construção de espaços de democracia participativa, de inclusão e transformação social. Cáritas Brasileira: Quem somos e Histórico. Disponível em: <<http://caritas.org.br/quemsomos-e-historico>>.



conferir à comunidade do Tururu um referencial simbólico diferente do veiculado na mídia hegemônica.

A análise proposta acrescenta então aos estudos da comunicação, uma vez que enxerga na produção independente do Coletivo Força Tururu uma qualidade criadora de sentidos sociais e fomenta uma investigação sobre quais são esses sentidos, as representações e as identificações que podem surgir a partir do vídeo “Tururu: justiça, paz e vida”

FAZENDO JUSTIÇA COM AS PRÓPRIAS MÃOS

O documentário “Tururu: justiça, paz e vida” (2011) tem por objetivo destacar o que o Coletivo Força Tururu denomina pontos de vida que a comunidade possui, ou seja, o roteiro então se propõe a ser um diálogo em contraposição ao que é veiculado nos grandes meios de comunicação e já apresentados na primeira parte do artigo, ou seja a linguagem é constituída nesse embate, como uma força contra-hegemônica à estrutura social (GRAMSCI, 1986 apud ALVES, 2011).

Utilizando os termos de Verón (2005), é possível tomar o Tururu como o conteúdo, enquadrado num macroambiente como uma modalidade de enunciação antagônica. Dessa forma, o que o Coletivo Força Tururu buscou na construção de seu roteiro foi gerar e atribuir sentidos diferentes ao já associados à comunidade, ao expor a comunidade num outro ambiente de enunciação, uma vez que a proposta era motivar as pessoas a enxergarem a comunidade por outro ângulo. Neste, a comunidade é apresentada por uma narrativa auto representativa, que atribui novos adjetivos, lugares e atores sociais ao Loteamento Jardim Justiça e Paz.

O documentário tem 15 minutos de duração e será aqui dividido e analisado em três partes: o Hip Hop, os depoimentos e a mensagem de efeito. Tal divisão não é estruturada anunciadamente pelos produtores, porém são as composições identificadas nessa análise.

Durante os dois primeiros minutos, é realizada a abertura do documentário, na qual o espectador é conduzido a uma caminhada pelas ruelas do Tururu, na companhia com o *rapper* da comunidade, Maquiavel. Mais do que companhia, uma vez que o ponto de vista que se tem são das costas do cantor, o percurso é feito como se fosse uma excursão e o espectador seguisse em fila indiana o guia Maquiavel.



A trilha sonora, neste momento, é composta por uma batida do próprio Maquiavel e é desta forma que a comunidade é apresentada à primeira vista.

Com base no escrito de Adjair Alves (2011), nota-se que a escolha do hip hop ajuda a configurar o discurso que se pretende iniciar, uma vez que tal ritmo é identificado pelo autor como uma linguagem que ritualiza o cotidiano das periferias urbanas, chamando atenção para problemas sociais que envolvem toda a sociedade.

Vale ressaltar, todavia, não apenas o estilo musical escolhido, bem como o autor dos versos, cujas origens são o próprio Tururu, o que contribui para uma caracterização de “geografia ideográfica” dos sentidos na qual, conforme indica Alves (2011), os fenômenos e problemáticas apontadas na letra possuem relações internas e externas à localidade a que pertencem, não exposta na mídia com a mesma expressividade.

É iniciada então a fase de apresentação da comunidade por quem vive a realidade do local e pode representá-la: os moradores, que se apropriam do discurso e relatam a história da região. A primeira questão levantada sobre a origem do nome da comunidade: Tururu, o qual até mesmo os mais velhos (e por consequência, os que seriam detentores da memória coletiva mais remota) desconhecem a origem. É abordada ainda a questão do nome real da Comunidade: Loteamento Jardim Justiça e Paz, o qual poucas vezes é utilizado para designação e identificação do local.

Se pelo nome não se constitui a identidade da comunidade e não se faz referência por completo para responder a “o que é”, os moradores passam a relatar os avanços pelos quais a região já passou, tais como o abastecimento de água e o fornecimento de energia elétrica, a pavimentação de ruas, para então chegar ao mote proposto pelos produtores: os pontos de vida da região.

Um representante de cada lugar possui um momento de fala e comenta o que é feito pelos moradores em cada uma das instituições. São elas: a Escola Estadual São José, a Creche Nossa Senhora Aparecida, a Casa Herbert de Sousa, a Associação de moradores, que disponibiliza espaço para a prática do Hip Hop e da Capoeira, oferecida pelo grupo Capoeira Aché Brasil e o campo de futebol.

É possível considerar então os depoimentos como o principal elemento para a construção da narrativa no documentário, uma vez que eles possibilitam um momento auto-referencial, reivindicado por um grupo e desenvolvido nessa produção audiovisual, que se propõe a um movimento de ter direito à palavra, a narração de outra versão dos fatos, que permite a constituição de um discurso testemunhal.



Logo, a questão não está em ignorar o que é veiculado na mídia massiva, mas em reconhecer que “o decisivo aqui é a atribuição e o uso da voz para a formação de um discurso de representação simbólico” (SARLO, 2007), pautado na experiência de quem vive o Tururu.

É com esse intuito que uma cena se amarra à outra, estabelecendo não apenas uma narração, mas uma fala legítima, testemunho sustentado e embasado na experiência e na vivência de quem habita a comunidade.

Passada a fase de exposição dos pontos de vida da comunidade, o vídeo segue com imagens acompanhadas de voz em off, na qual o ciclo é fechado, e é retomada a questão da abordagem que a mídia faz da comunidade e os problemas sociais que os moradores enfrentam.

Nessa mensagem de efeito final identifica-se uma tendência educativa e incentivadora à reflexão e mobilização social, vide a frase final do filme: “esse não é o fim, a continuidade quem faz somos nós”.

O vídeo se propõe a dialogar diretamente o destinatário, indica que há outros aspectos a se conhecer do Tururu. Adota uma posição apreciativa dos elementos que constituem a região e se oferece como um gerador de efeito de sentido positivo que pode sim ser atribuído à comunidade. A fim de atingir a seus públicos, o primeiro, o público interno, os próprios moradores da comunidade que se sentem subjugados pela representação que lhes é remetida na mídia, mas também busca apresentar a comunidade a quem não a vive.

Dessa forma, há no documentário uma intencionalidade diferenciada da dos meios de comunicação da massa, aqui o emissor convida o destinatário a apreender e atribuir referenciais simbólicos ao Tururu relacionados à vida e à paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação foi enxergada pelo coletivo como estratégia fundadora de uma ordem narrativa própria, transformadora do ambiente social, a qual favoreceu a concepção de representações sociais que podem servir aos moradores da comunidade e ajudar na construção de múltiplos referenciais simbólicos à imagem do Tururu.

Sendo assim, a produção audiovisual do Coletivo Força Tururu busca atribuir valores sociais que, como apresentadas no documentário, são regidos e associados a práticas sociais, políticas e culturais. O vídeo contribui para a percepção dos sujeitos



como atores de uma ação social, que disputa espaço discursivo no âmbito da comunicação.

O documentário “Tururu: Justiça, Paz e Vida”, em reconhecimento à importância social que a produção audiovisual apresenta, ganhou, em 2012, o Prêmio Agente Jovem de Cultura: Diálogos e Ações Interculturais, concedido pelo Governo Federal, através da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural, pela portaria Portaria Nº 27, de 23 de outubro de 2012¹².

Por fim, é possível ressaltar que com a apropriação de meios de produção de conteúdo, o Tururu passa a ter novas fontes de visibilidade pública, que são importantes elementos para a constituição do processo de identificação e elaboração de um discurso reativo, donde não apenas a detenção dos meios mas também a possibilidade veiculação de produtos audiovisuais proporcionam um espaço legítimo e de referência para o desenvolvimento de práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Adjair. **Hip hop e linguagem, Hip-hop é linguagem**. Garanhuns: UPE/Faceteg, Diálogos N. 4, março/junho, 2011. P. 30-48. Disponível em: <http://www.revistadiálogos.com.br/Dialogos_4/Dial_4_%20Adjair_%20Hip_hop.pdf>. Acesso em 21 de fevereiro de 2014.

Ateliê produções. **Pé na Rua: Dá certo! Força Tururu**. 2ª temporada. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=nVr2uIzIQPk>>. Acesso em 31 de jan. de 2014.

Cáritas Brasileira: Quem somos e Histórico. Disponível em: <<http://caritas.org.br/quem-somos-e-historico>>. Acesso em 09 de fev de 2014.

Coletivo Força Tururu. **Documentário Tururu Justiça, Paz e Vida**. Paulista, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=P7Vgj0G2pr4>>. Acesso em 11 de fev. de 2014.

Coletivo Força Tururu. Fanzine: Articula Tu Tururu, nº 9. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/neylsantos/articula-tu-tururu>>. Acesso em: 31 de jan. de 2014.

Coletivo Força Tururu. **Fanpage**. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/coletivotururucft>>. Acesso em 31 de jan. de 2014.

COUTINHO, Katherine. **PIB de PE cresce mais que o dobro do Brasil, mas aquém do esperado**. G1 Pernambuco, 11 de março de 2013. Disponível em:

¹² Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2012/10/Portaria-n-%C2%BA-27-de-23-10-2012-Disp%C3%B5es-sobre-as-iniciativas-Classificados-e-Desclassificados-Pr%C3%AAmio-Agente-Jovem-de-Cultura.pdf>>



<<http://g1.globo.com/pe/pe-noticia/2013/03/pib-de-pe-cresce-mais-que-o-dobro-do-brasil-mas-aquem-do-esperado.html>>. Acesso em 09 de fev de 2014.

Hipster Recifense. **Não mexa comigo que eu sou do Janga.** Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=374696145974173&set=pb.308792242564564.-2207520000.1391161860.&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-a.akamaihd.net%2Fhphotos-akash3%2Ft1%2F249003_374696145974173_1510167174_n.jpg&size=555%2C555>. Acesso em: 31 jan. 2014.

IBGE. **Censo 2010: Aglomerados subnormais: primeiros resultados.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/agsn2010.pdf>. Acesso em 09 de fev de 2014.

NE10. **Especial Sementes do Dom:** Tururu, exemplo de organização e luta popular. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/sites/sementesdodom/dp_tururu_exemplo_de_organizacao_e_luta_popular.html> Acesso em: 31 de jan. de 2014.

RONDELLI, Elizabeth. **Imagens da violência:** práticas discursivas. São Paulo: Tempo Social, v. 10 (2), p. 145-157, out. de 1998. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v102/images/ns.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2014.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado,** Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

Secretaria de Cidadania e da Diversidade Cultural. **Portaria Nº 27, de 23 de outubro de 2012.** Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2012/10/Portaria-n-%C2%BA-27-de-23-10-2012-Disp%C3%B5es-sobre-as-iniciativas-Classificados-e-Desclassificados-Pr%C3%AAmio-Agente-Jovem-de-Cultura.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

SOARES, Aline. **CLIPAGEM:** Jardim Justiça e Paz (Tururu) – 2010 a 2013. Google Docs, 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B2LHm0a6kJ_TN1RH_MV90d3dSeEE/edit?usp=sharing>. Acesso em: 09 fev. 2014.

STASIAK, Daiana; BARICHELLO, Eugenia M.R. Miatização, identidades e cultura na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Contemporânea, n.9, 2007.2. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_09/contemporanea_n9_107_stasiak_baricHELLO.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2014.

TRADSTAR. **Significado das Hashtags.** Tradstar gerenciamento de informações, 2013. Disponível em: <<http://tradstar.info/blog/significado-das-hashtags/>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo, Editora Unisinos, 2005.